POR UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA: UMA ENTREVISTA COM MARIÀ CORBÍ*

José Reinaldo F. Filho**, Clovis Ecco***

Concordando com o sociólogo Jean-Pierre Bastian, devemos admitir que em se tratando da América Latina o investimento da modernidade custou a nos impactar. Para além disso, ainda após ter se estabelecido entre nós tais influxos adotaram características em muito distanciadas de sua irrupção em outras realidades geográficas (pensando, por exemplo, no ateísmo e na racionalização da religião como alternativas dadas, respectivamente, pela Europa e América do Norte). É nesse sentido que, segundo nos parece, a resposta oferecida pelos indivíduos latinoamericanos para a crise de plausibilidade e a crescente secularização oportunizou o desenvolvimento de religiosidades paralelas às antes tidas como hegemônicas, movimento impulsionador da alta mobilidade religiosa no interior de um mesmo credo (o cristianismo, por exemplo) e, simultaneamente, gerador de expressões tomadas como novas modalidades de crença, os chamados "crentes sem religião".

Referindo-nos a este grupo, trata-se de pessoas que embora absolutamente desacreditadas das instituições, mantêm-se profundamente cônscias de suas crenças (crendo em um Deus, em uma força, na vida pós-morte etc...) ao ponto de forjarem novas maneiras de se expressarem religiosamente, por ora religiosidades plurais e autocentradas, nas quais cada indivíduo torna-se o único responsável por administrar e estabelecer os parâmetros de sua fé. Daí a definição do sociólogo Flávio Pierucci, para quem em se tratando da América Latina

* Recebido em: 06.02.2017. Aprovado em: 22.05.2017.

** Doutorando em Ciências da Religião na PUC Goiás, sob orientação do prof. Dr. Clóvis Ecco. Mestre em Filosofia (2014) e em Música (2016), ambos pela UFG. Professor de Filosofia no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG) e na PUC Goiás

*** Doutor em Ciências Sociais e da Religião pela PUC Goiás. Professor Titular e Coordenador no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás. E-mail: clovisecco@uol.com.br

podemos até falar em secularização, mas com intensa mobilização religiosa; ao passo que também a efervescência religiosa deve ser encarada sob a ótica da secularização.

Refletindo acerca deste contexto plural, com ênfase no crescente fenômeno das chamadas "religiosidades particulares/pessoais", colocamo-nos diante da seguinte demanda: acaso seria possível pensarmos em termos de uma religiosidade/espiritualidade sem religião? Tal movimento denotaria simplesmente o enfraquecimento da dimensão institucional e sua fragmentação nas espiritualidades de caráter privado ou esconderia categorias ainda desconhecidas pelas Ciências da Religião e a Teologia?

A fim de respondermos a estas e outras questões com as quais a contemporaneidade tem se deparado, estabeleceremos diálogo com o pensamento de um dos mais significativos autores da atualidade quando se trata de discutir temas como laicidade e o que aqui denominamos "religiosidades não religiosas". Falamos do catalão Marià Corbí, habilitado nas áreas de teologia, filosofia e música e, desde as últimas décadas, dedicado à interface destas searas com o universo científico – vinculação que certamente transparecerá nas participações oferecidas no texto que segue. De nossa parte, tomaremos como mote para nossas perguntas o pensamento exposto em duas de suas principais obras concernentes à temática religiosa, como segue: *Religion sin religion*, de 1996, e *Hacia una espiritualidad laica*, de 2007.

Em vista disso, não poderíamos deixar de mencionar que este trabalho somente foi possível graças à generosa disponibilidade do autor em retornar o nosso contato, brindando-nos com seus comentários aos temas por nós apresentados. Daí também externarmos o nosso agradecimento aos demais professores do Centro de Estudos das Tradições Religiosas (CETR), com sede em Barcelona, a partir dos quais obtivemos o contato do professor Marià Corbí. Enfim, feitas estas breves considerações, passamos ao que realmente importa, o resultado desta tessitura feita a várias mãos.

Prezado professor Marià Corbí, antes de tudo manifestamos o privilégio desta entrevista para nós enquanto representantes da academia brasileira, especialmente daqueles e daquelas que se dedicam ao estudo dos novos movimentos religiosos no Brasil e na América Latina. As contribuições oriundas do seu pensamento têm despertado interessantes ressonâncias por parte de nossos pesquisadores, fazendo aqui particular deferência ao professor Alberto Moreira, responsável por uma de suas visitas ao Brasil e à nossa Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Deixando de lado, contudo, este momento de cumprimentos mútuos, passamos às questões propriamente ditas. De que maneira podemos reconhecer no seu pensamento, sobretudo na distinção entre duas concepções de

religião – a "religião" das sociedades ditas "pré-industriais" e a das chamadas "sociedades dinâmicas" (de fluxo ou de transição) – equivalente tensão entre um conceito de religião circunscrito ao âmbito da institucionalidade versus uma religiosidade que se recusa a subscrever-se sob a égide de qualquer instituição? Quer dizer, a "religião" das sociedades pré-industriais seria a "religião" tida como instituição, ou o senhor pretende apontar para uma compreensão que vai além deste entendimento?

Dr. Marià Corbí: *A diferencia de los restantes animales, los humanos no tenemos un programa genético completamente determinado. Tenemos determinado sólo unos rasgos generales: la fisiología, la condición de vivientes simbióticos, la condición sexual y la competencia lingüística. No tenemos determinado ningún "cómo". Los "cómos" tenemos que construírnoslos nosotros con el instrumento que el cerebro nos proporciona: la lengua.*

Gracias a ese invento biológico, la lengua, resultamos ser unos vivientes flexibles porque nos podemos construir una naturaleza y un mundo según sea nuestro modo de sobrevivencia: cazadores/recolectores, horticultores, agricultores de riego, etc. A través del habla completamos nuestra insuficiente programación genética y nos hacemos animales viables.

Este trabajo lo hacían las narraciones sobre los antepasados sagrados o los dioses, a través de los mitos, símbolos y rituales. A través de estas narraciones se construía el proyecto de vida colectiva, lo que nosotros llamamos proyectos axiológicos colectivos.

Con los mismos patrones o paradigmas, relacionados con las formas fundamentales de sobrevivir, se construía nuestro sistema de sobrevivencia y la forma de representar y cultivar la dimensión absoluta del vivir humano, lo que podríamos llamar la espiritualidad y que nosotros llamamos cualidad humana profunda.

Lo característico de las religiones era que constituían en una unidad la organización y cultivo de las dos dimensiones. Esa unidad podía realizarse porque la relación con el medio era axiológica, no abstracta. Es evidente que cuando aparecieran maneras de sobrevivir mediadas por las técnicas y las ciencias, las religiones se iban a encontrar con serias dificultades.

Las religiones estaban siempre ligadas al ámbito de la institucionalidad, aunque no solo porque abarcaban también el ámbito sutil de lo espiritual, de lo sagrado.

En la nueva espiritualidad, la nueva cualidad humana, la religiosidad de las nuevas sociedades, no se niega la institucionalidad, solo se niega la institucionalidad propia de las religiones, porque le es imposible ya que la relación con toda la realidad y sus medios de supervivencia están completamente mediatizados por la tecnociencia que es abstracta.

La religión de las sociedades preindustriales estaba ligada a la institucionalidad por la unión inseparable, a través de un único paradigma, con la institucionalidad necesaria para la sobrevivencia.

[Tradução: Ao contrário dos demais animais, nós humanos não possuímos um programa genético completamente determinado. Como indeterminados, possuímos apenas alguns recursos gerais: a fisiologia, a condição de viventes simbióticos, a condição sexual e a competência linguística. Não possuímos nenhum "como" determinado. Ao contrário, temos que construí-los nós mesmos com o instrumento que o cérebro nos proporciona: a língua.

Graças a esse invento biológico, a língua, tornamo-nos viventes flexíveis porque podemos construir uma natureza e um mundo conforme é nosso modo de sobrevivência: caçadores/coletores, horticultores, agricultores e irrigadores, etc. Através da fala completamos nossa insuficiente programação genética e nos fazemos animais viáveis.

Este trabalho faziam as narrativas sobre os antepassados sagrado ou os deuses, através dos mitos, símbolos e rituais. Através destas narrativas se construía o projeto de vida coletiva, o que nós chamamos projetos axiológicos coletivos.

Com os mesmos padrões ou paradigmas, relacionados com as formas fundamentais de sobreviver, se construía nosso sistema de sobrevivência e a forma de representar e cultivar a dimensão absoluta do viver humano, o que poderíamos chamar de espiritualidade, o que chamamos "qualidade humana profunda".

O característico das religiões era que constituíam em uma unidade a organização e o cultivo das dimensões. Essa unidade podia realizar-se porque a relação com o meio era axiológica, não abstrata. É evidente que quando apareceram maneiras de sobreviver mediadas pelas técnicas e as ciências, as religiões encontraram-se em sérias dificuldades.

As religiões estavam sempre ligadas ao âmbito da institucionalidade, embora não apenas porque abarcam também o âmbito sutil do espiritual, do sagrado.

Na nova espiritualidade, a nova qualidade humana, a religiosidade das novas sociedades, não se nega a institucionalidade, apenas se nega a institucionalidade própria das religiões, porque esta se torna impossível já que a relação com toda a realidade e seus meios de sobrevivência passou a ser completamente mediada pela tecnociência que é abstrata.

A religião das sociedades pré-industriais estava ligada à institucionalidade pela união inseparável, através de um único paradigma, com a institucionalidade necessária para a sobrevivência.]

Na sequência da pergunta anterior, poderíamos apontar no seu pensamento a existência de alguma oposição entre a ênfase dada à dimensão individual em detrimen-

to do aspecto comunitário – quem sabe, para falarmos como Bauman, que a centralização na identidade (com seu aspecto individual) teria posto um fim à noção de comunidade? As "religiosidades laicas" seriam, portanto, um caminho rumo ao solipsismo, à negação da instância comunitária no exercício da espiritualidade?

Dr. Marià Corbí: *El nuevo planteo de la espiritualidad (el término "religión" crea ambigüedad por las razones dadas en la pregunta anterior) no se hace un especial énfasis en el planteo individual, en detrimento del planteo comunitario. Se hace énfasis en las dos dimensiones: individual y comunitaria, pero no a la manera de las religiones. No se pone fin a la noción de comunidad, al contrario, se acentúa, porque el sistema de vida colectivo a través de unas ciencias y tecnologías sumamente amplias y complejas, incluso dentro de una misma disciplina, origina que todas las creaciones, tanto las científico-tecnológicas, como las de nuevos productos y servicios, requieran del trabajo en equipo. Se acentúa el aspecto de interdependencia, propia de la simbiosis.*

Los humanos también son simbióticos e interdependientes en su cultivo de la espiritualidad: interdependencia con los maestros del pasado y con los compañeros del camino del presente; requerirán instituciones, pero adecuadas a sociedades en continuo movimiento.

La espiritualidad no religiosa, laica, no es en absoluto camino al solipsismo, pero la comunidad no será jerárquica, patriarcal, de sumisión, como la de las sociedades preindustriales. No es esa la única forma de comunitariedad.

[Tradução: O novo plano da espiritualidade (o termo "religião" cria ambiguidades pelas razões dadas na pergunta anterior) não faz uma especial ênfase ao plano individual, em detrimento do plano comunitário. Faz-se ênfase às duas dimensões: individual e comunitária, mas não à maneira das religiões. Não se põe fim à noção de comunidade, ao contrário, se acentua, porque o sistema de vida coletivo através de umas ciências e tecnologias sumamente amplas e complexas, inclusive dentro de uma mesma disciplina, origina todas as criações, tanto as científico-tecnológicas, como as de novos produtos e serviços, requerem o trabalho em equipe. Acentua-se o aspecto de interdependência, próprio da simbiose.

Os humanos também são simbióticos e interdependentes em seu cultivo da espiritualidade: interdependência com os mestres do passado e com os companheiros do caminho presente; requerem instituições, porém adequadas às sociedades em contínuo movimento.

A espiritualidade não religiosa, laica, não é, absolutamente, caminho ao solipsismo, mas a comunidade não será hierárquica, patriarcal, de submissão, como a das sociedades pré-industriais. Não é essa a forma de comunitariedade.]

O conceito "espiritualidade laica" poderia, então, nos ajudar a pensar a realidade dos denominados "crentes sem religião", fenômeno crescente segundo apontam as pesquisas realizadas desde o último censo no Brasil, em 2010?

Dr. Marià Corbí: *Así es, el concepto de espiritualidad no religiosa nos ayuda a comprender el fenómeno denominado "creyentes sin religión". Con todo hay que diferenciar claramente entre "creyentes que no quieren adscribirse a ninguna religión u organización particular", que es posiblemente lo que se da en Brasil, y "no creyentes pero interesados vivamente en la espiritualidad", que es lo que se da principalmente en Cataluña.*

[Tradução: Assim o é, o conceito de espiritualidade religiosa nos ajuda a compreender o fenômeno denominado "crentes sem religião". Contudo, é preciso diferenciar claramente entre "crentes que não querem se inscrever a nenhuma religião ou organização particular", que é, possivelmente, o que se dá no Brasil, e "não crentes, mas interessados vivamente na espiritualidade", que é o que se dá principalmente em Cataluña.]

Que concepção de verdade estaria em jogo ao afirmarmos que a religião não mais é capaz de oferecer respostas satisfatórias para os dramas da existência humana? A noção de uma "espiritualidade laica", como um projeto autolibertador, aponta para uma experiência de religião como itinerário existencial – "religião entendida" como uma filosofia de vida?

Dr. Marià Corbí: *Una espiritualidad no ligada a creencias no pretende ni puede ofrecer soluciones a los dramas de la existencia humana. Nosotros mismos nos debemos solucionar nuestros propios problemas a través de la creación de proyectos axiológicos colectivos adecuados a la situación concreta del crecimiento acelerado de las tecnociencias y sus consecuencias en nuevos productos y servicios.*

La nueva espiritualidad (término que habrá que sustituir por "cualidad humana profunda", porque "espiritualidad" ya no corresponde a la antropología vigente entre nosotros) no pretende dar respuestas a las preguntas y los dramas de la vida humana, sino que aporta otra dimensión de nuestro vivir: la dimensión absoluta del existir humano, la dimensión radicalmente gratuita.

Vivir esa dimensión, que es connatural a nuestra estirpe humana, proporciona una cualidad de valoración, de comprensión, de actuación y de vida que responde a las preguntas sin una formulación concreta, y da otra luz a los dramas de la existencia humana, sin que nos traiga una solución bajada de los cielos.

La cualidad humana profunda (la espiritualidad), como las artes, da nueva luz y da sabiduría para afrontar las grandes preguntas y las dificultades, sin que eso signifique que nos da soluciones hechas.

[Tradução: Uma espiritualidade não ligada a crenças não pretende nem pode oferecer soluções aos dramas da existência humana. Nós mesmos devemos solucionar nossos próprios problemas através da criação de projetos axiológicos coletivos adequados à situação concreta do crescimento acelerado das tecnociências e suas consequências em novos produtos e serviços.

A nova espiritualidade (termo que deverá ser substituído por "qualidade humana profunda", porque "espiritualidade" já não corresponde à antropologia vigente entre nós) não pretende dar respostas às perguntas e aos dramas da vida humana, mas fornece outra dimensão de nosso viver: a dimensão absoluta do existir humano, a dimensão radicalmente gratuita.

Viver essa dimensão, que é conatural à nossa estirpe humana, proporciona uma qualidade de valoração, de compreensão, de atuação e de vida que responde às perguntas sem uma formulação concreta, e dá outra luz aos dramas da existência humana, sem que nos traga uma solução que caia dos céus.

A qualidade humana profunda (a espiritualidade), como as artes, dá nova luz e dá sabedoria para confrontar as grandes perguntas e as dificuldades, sem que isso signifique que nos doe soluções fechadas]

Quando o senhor fala acerca da ausência da "religião" nas sociedades dinâmicas (e, por isso, nas sociedades do nosso tempo, especialmente naquelas posteriores à revolução industrial), o que devemos entender nos ditames da ética, já que o arquétipo platônico-judaico-cristão parece ter sido o principal responsável pela definição dos pilares morais da sociedade ocidental ao longo de sua consolidação? Sequer pelo viés da moral, dos valores e costumes, a religião não continuaria a ocupar o seu lugar construído ao longo da história?

Dr. Marià Corbí: *No sé si entiendo bien la pregunta, pero intentaré responder a lo que entiendo.*

Cuando la espiritualidad no es un conjunto de formulaciones, de creencias y de respuestas a los problemas de la vida humana, entonces es fundamento de la ética de otra forma que en las sociedades preindustriales. No es fundamento en el sentido de que proporcione sentencias dirigidas a los diferentes comportamientos humanos en las diversas circunstancias. Eso no puede hacerlo; pero es fundamento en cuanto proporciona, no principios éticos, sino espíritu ético.

La cualidad humana profunda, individual y colectiva, es el nuevo fundamento de la ética en una sociedad, que por la dinámica acelerada de las tecnociencias y sus consecuencias en el vivir de los colectivos, no puede consistir en un conjunto de principios inmutables. No puede fundamentarse en fijaciones, sino en un espíritu ético que crea soluciones a medida que van surgiendo los nuevos problemas.

La religión, que es la forma adecuada de cultivar la dimensión absoluta de lo real en las sociedades preindustriales, ya no puede ser el fundamento inmutable de la ética de las sociedades que viven de la continua innovación y creación en todos los ámbitos del vivir de las sociedades fundamentadas en el conocimiento.

[Tradução: Não sei se entendo bem a pergunta, mas tentarei responder ao que entendo. Quando a espiritualidade não é um conjunto de formulações, de crenças e de respostas aos problemas da vida humana, então é fundamento da ética de outra forma que nas sociedades pré-industriais. Não é fundamento no sentido de que proporcione sentenças dirigidas aos diferentes comportamentos humanos nas diversas circunstâncias. Isso não pode fazê-lo; mas é fundamento enquanto proporciona, não princípios éticos, mas espírito ético.

A qualidade humana profunda, individual e coletiva é o novo fundamento da ética em uma sociedade, que pela dinâmica acelerada das tecnociências e suas consequências no viver da coletividade, não pode consistir em um conjunto de princípios imutáveis. Não pode fundamentar-se em fixações, senão em um espírito ético que cria soluções na medida em que vão surgindo os novos problemas.

A religião, que é a forma adequada de cultivar a dimensão absoluta do real nas sociedades pré-industriais, já não pode ser o fundamento imutável da ética das sociedades que vivem em contínua inovação e criação em todos os âmbitos do viver, das sociedades fundamentadas no conhecimento.]

A religiosidade laica seria uma resposta às constantes investidas da secularização ou à derrocada da plausibilidade antes detida pelas instituições religiosas, como um contrapeso ao ateísmo generalizado em regiões como a Espanha, por exemplo? Em algumas partes do mundo pudemos observar o surgimento de interpretações "racionalizadas" acerca do fenômeno religioso. Estaríamos, então, falando de algo semelhante?

Dr. Marià Corbí: *La religiosidad laica no nació para dar respuesta a los movimientos de secularización, ni tampoco para dar respuestas a los ataques que pretendían destruir la plausibilidad de las instituciones religiosas. Nació para dar respuesta al desmantelamiento espiritual que se ha creado, a medida que las sociedades eran invadidas por las dinámicas aceleradas de las ciencias y tecnologías y todas sus consecuencias.*

En los nuevos modos de sobrevivencia, en los que todo debe estar dispuesto a moverse y cambiar cuando sea necesario o conveniente, que viven y progresan desde la innovación y creación constante y acelerada, no se puede vivir la espiritualidad a través de creencias, que fijan las maneras de pensar, sentir, actuar y vivir. Sociedades que debían alejarse de la jerarquización y de la sumisión,

porque la sumisión y la creatividad no casan bien: no pueden vivir la espiritualidad desde la jerarquía y desde la sumisión.
Estos son los problemas desde los que nació la espiritualidad no religiosa, laica.

[Tradução: A religiosidade laica não nasceu para dar resposta aos movimentos de secularização, nem tampouco para dar respostas aos ataques que pretendiam destruir a plausibilidade das instituições religiosas. Nasceu para dar resposta ao desmantelamento espiritual que se criou, na medida em que as sociedades eram invadidas pelas dinâmicas aceleradas das ciências e tecnologias e todas suas consequências.
Nos novos modos de sobrevivência, nos quais tudo deve estar disposto a mover-se e mudar quando necessário ou conveniente, modos estes que vivem e progridem a partir da inovação e da criação constante e acelerada, não se pode viver a espiritualidade através de crenças, que fixam as maneiras de pensar, sentir, atuar e viver. Sociedades que deviam deixar a hierarquização e a submissão, porque a submissão e a criatividade não casam bem: não podem viver a espiritualidade a partir da hierarquia e da submissão.
Estes são os problemas a partir dos quais nasceu a espiritualidade não religiosa, laica.]

Ao falarmos de uma espiritualidade laica como resposta à nova cosmovisão imposta pelas sociedades dinâmicas, deparamo-nos, incontornavelmente, com o seguinte problema: como pensar isso em termos mundiais? Não seria demais aplicar o mesmo modelo a todo o planeta, dada a diversidade cultural e do impacto da modernidade sobre os diferentes pontos do globo? A partir do que o senhor conhece da America Latina, por exemplo, chegaria a afirmar que também aqui a noção de "religião" estaria perdendo o seu sentido ou, ao contrário, que por detrás da aparente pluralidade haveria a manutenção de uma hegemonia latente? A hegemonia da leitura cristã sobre as demais possibilidades de se ler o fenômeno religioso?

Dr. Marià Corbí: *La espiritualidad que proponemos no es una espiritualidad de creencias, de formulaciones, de contenidos. Se asemeja al arte. El arte es universal porque es carente de fijaciones, de creencias, de sumisiones; es espíritu creativo y libre. En ese sentido la espiritualidad sería universal sin que supusiera uniformidad ninguna. El espíritu es libre y adoptará las formas adecuadas a cada cultura y a cada situación.*
La "verdad religiosa", para expresarnos de forma comprensible, no es una formulación, es una presencia vacía de amarre a alguna formulación o forma. Como la belleza tiene tantas formas como cuadros o piezas de música, sin que se amarre jamás a ninguna, porque la belleza es algo sutil que se dice en formas sen-

sibles, así la espiritualidad que es la sutilidad de la sutilidad, no puede llegar a unos vivientes como nosotros más que en formas sensibles, culturales, según tradiciones particulares. Así tendrá que ser. La pretensión de homogeneidad universal propia de las religiones, debe terminar en las nuevas sociedades. Esa concepción no creará más enfrentamientos culturales*, ni creará la violencia que durante toda la historia de la humanidad han generado las religiones. Cuando hay creencias, formas sagradas e intocables, jerarquías, puede hablarse de hegemonías; cuando la verdad de las tradiciones religiosas y espirituales es su sutilidad y profundidad informulable, aunque sí vivible, se termina el peligro de exclusivismos y hegemonías.*

[Tradução: A espiritualidade que propomos não é uma espiritualidade de crenças, de formulações, de conteúdos. Se assemelha à arte. A arte é universal porque é carente de fixações, de crenças, de submissões; é espírito criativo e livre. Nesse sentido a espiritualidade seria universal sem que devesse supor qualquer uniformidade. O espírito é livre e adotará as formas adequadas a cada cultura e situação.

A "verdade religiosa", para expressarmos de forma compreensível, não é uma formulação, é uma presença vazia de amarras a alguma formulação ou forma. Como a beleza tem tantas formas como quadros ou peças de música, sem que se amarre jamais a nenhuma, porque a beleza é algo sutil que se diz em formas sensíveis, assim a espiritualidade que é a sutileza da sutileza, não pode chegar a viventes como nós senão por formas sensíveis, culturais, segundo tradições particulares. Assim terá que ser. A pretensão de homogeneidade universal própria das religiões deve terminar nas novas sociedades. Essa concepção não criará mais enfrentamentos culturais, não criará a violência que durante toda a história da humanidade foi gerada pelas religiões.

Quando há crenças, formas sagradas intocáveis, hierárquicas, pode-se falar de hegemonias; quando a verdade das tradições religiosas e espirituais é sua sutileza e profundidade inconcebível, porém vivível, finda-se o perigo de exclusivismos e hegemonias.]

Poderíamos dizer que o senhor preferiu uma leitura de caráter "cientificista" ao abordar a evolução das cosmovisões na passagem das sociedades pré-industriais para as sociedades dinâmicas, deixando de lado, para isso, considerações a partir da política ou da economia, por assim dizer? Tal movimento não incidiria em uma visão parcial, embora legítima, do fenômeno religioso?

Dr. Marià Corbí: *No parto de una postura "cientifista" del fenómeno religioso en la historia humana. Mi punto de partida es "axiológico": pretendo conocer*

cómo han evolucionado los sistemas axiológicos humanos, es decir, los modos de vivir de los humanos, según sus modos correspondientes de sobrevivencia.

Para estudiar las evoluciones de los sistemas de valores humanos, según sus modos de sobrevivencia, no se puede partir de una opción de valor, hay que acercarse a los valores de cada cultura con una actitud abstracta, científica.

Para estudiar, no axiológicamente, sino científicamente, ese proceso de la cultura humana, tengo que tener muy en cuenta varias disciplinas científicas. En primer lugar su modo concreto de sobrevivencia, que es algo distinto de la ciencia económica, pero toca la economía; también tengo que tener en cuenta sus sistemas de organización, sus modos de simbiosis, que tocan directamente a la política, pero no los trato desde la ciencia política. Pretendo tener en cuenta todos los elementos de la vida humana. Desde ahí no creo que se me pueda acusar de parcialidad al estudiar el fenómeno religioso. Sí se me podrá acusar de que falta todavía mucho que conocer, que la "epistemología axiológica" como disciplina tiene que desarrollarse mucho más. Lo haré mientras viva.

[Tradução: Não parto de uma postura "cientificista" do fenômeno religioso na história humana. Meu ponto de partida é "axiológico": pretendo conhecer como evoluíram os sistemas axiológicos humanos, quer dizer, os modos de viver dos humanos, segundo seus modos correspondentes de sobrevivência.

Para estudar as evoluções dos sistemas de valores humanos, segundo seus modos de sobrevivência, não se pode partir de uma opção de valor, deve-se aproximar-se dos valores de cada cultura com uma atitude abstrata, científica.

Para estudar, não axiologicamente, mas cientificamente esse processo da cultura humana, tenho que ter muito em conta as várias disciplinas científicas. Em primeiro lugar seu modo concreto de sobrevivência, que é algo distinto da ciência econômica, mas toca a economia; também tenho que ter em conta seus sistemas de organização, seus modos de simbiose, que tocam diretamente a política, mas não os trato desde a ciência política. Pretendo ter em conta todos os elementos da vida humana. A partir daí acredito que seja possível me acusar de parcialidade ao estudar o fenômeno religioso. Sim, poder-se-á me acusar de que falta, todavia, muito a conhecer, que a "epistemologia axiológica" como disciplina tem que desenvolver-se muito mais. Isso o farei enquanto viver.]

Enfim, a partir do seu pensamento poderíamos extrair "previsões" que apontam para o surgimento de um novo "politeísmo" ou para uma religiosidade universal, macrocósmica – num movimento de unidade para além das religiões/instituições e/ou igrejas?

Dr. Marià Corbí: *No estoy, en absoluto, apuntando a ningún nuevo politeísmo (aunque al politeísmo se le ha hecho mucha injusticia), ni a ninguna religión univer-*

sal, macrocósmica. ¿Cómo voy a tener esa pretensión si sostengo que en las sociedades de innovación y cambio continuo, en las sociedades llamadas de conocimiento, el cultivo de la dimensión absoluta de la existencia humana, la religiosidad en términos corrientes, no es viable por vía religiosa?

En una sociedad globalizada, todas las tradiciones religiosas y espirituales tienen que respetarse, conocerse y amarse. Todas las religiones y tradiciones espirituales de la humanidad tendrán que adaptarse al nuevo modo de vida, que invadirá todos los rincones de la tierra irremisiblemente, porque los seres necesitados como nosotros adoptan siempre los modos de vida que son más capaces de solventar sus carencias.

Quienes no se adapten al crecimiento acelerado de las tecnociencias y sus consecuencias, serán dominados, explotados y sometidos por los pueblos que hayan hecho ese proceso. Que tengamos que ir a parar a sociedades tecnocientíficas no quiere decir que sea forzoso terminar en una cultura de tipo occidental. Las tecnociencias son abstractas y no tienen marcado ninguna forma valoral y cultural de vivir. Adoptan las formas axiológicas que se les den.

[Tradução: Não estou, absolutamente, apontando para nenhum novo politeísmo (embora ao politeísmo tenha sido feita muita injustiça), nem a nenhuma religião universal, macrocósmica. Como vou possuir essa pretensão se sustento que nas sociedades de inovação e mudanças contínuas, nas sociedades chamadas "do conhecimento", o cultivo da dimensão absoluta da existência humana, a religiosidade em termos correntes, não é viável pela via religiosa?

Em uma sociedade globalizada, todas as tradições religiosas e espiritualidades tem quem respeitar-se, conhecer-se e amar-se. Todas as religiões e tradições espirituais da humanidade terão que adaptar-se ao novo modo de vida, que invadirá todos os rincões da terra irreversivelmente, porque seres necessitados como nós adotam sempre os modos de vida que são mais capazes de resolver suas carências.

Aqueles que não se adaptarem ao conhecimento acelerado das tecnociências e suas consequências, serão dominados, explorados e submetidos pelos povos que tenham feito este processo. O fato de que nos dirigimos a sociedades tecnocientíficas não quer dizer que seja forçoso terminar numa cultura de tipo ocidental. As tecnociências são abstratas e não tem marcado nenhuma forma valorativa e cultural de viver. Adotam as formas axiológicas que se lhes dão.]

A fim de concluirmos esta entrevista o senhor gostaria de acrescentar algo mais ao que já discutimos?

Dr. Marià Corbí: Estamos en el tránsito cultural más grave de todos los que ha sufrido nuestra especie a través de la historia. Esa transformación afecta a todos los

niveles de la vida humana, también, por supuesto a la concepción y forma de vivir la espiritualidad.

Esa transformación nadie podrá frenarla. Es un grave error absolutizar las formas del pasado, porque la dinámica de las transformaciones que provocan y provocarán el crecimiento cada día más acelerado de las tecnociencias, dejará atrás a quienes no advierta lo que está pasando, a los que sean perezosos o se nieguen a incorporarse a las sociedades de conocimiento. Los retrasos pueden resultar imposibles de corregir.

Una sociedad de potentes ciencias y potentes tecnologías puede ser un riesgo muy grave si no va gestionada por individuos de profunda cualidad humana. Lo estamos experimentando ya.

[Tradução: Estamos no trânsito cultural mais grave de todos os foram sofridos por nossa espécie ao longo da história. Essa transformação afeta todos os níveis da vida humana, também, certamente, a concepção e forma de viver a espiritualidade.

Essa transformação ninguém poderá freá-la. É um grave erro absolutizar as formas do passado, porque a dinâmica das transformações que provocam e provocarão o crescimento cada dia mais acelerado das tecnociências, deixará para trás quem não advirta o que está passando, os que forem preguiçosos ou se neguem a incorporar-se às sociedades de conhecimento. Os atrasos podem resultar impossíveis de corrigir.

Uma sociedade de potentes ciências e potentes tecnologias pode ser um risco muito grave caso não seja gerida por indivíduos de profunda qualidade humana. Isso estamos experimentando já.]

Ao concluir esta entrevista, uma vez mais deixamos registrados os nossos mais sinceros agradecimentos ao professor Marià Corbí, certos de que esta interlocução em muito beneficiará as pesquisas desenvolvidas em ambos os nossos cenários: Brasil e Espanha. Para além de meros conceitos e palavras, resta-nos o exemplo deste investigador cuja tarefa da pesquisa levará a termo até o fim: *Lo haré mientras viva.*

Toward a Deep Spirituality: an Interview with Marià Corbí